

1ª PARTE

ESTUDOS

As Atas Perdidas

Vera Lúcia de Oliveira⁵

O livro é o remédio da alma, já disseram. Mas, melhor que remédio, é o pão do espírito! Pois foi com esse sentido filosoficamente religioso que os moços cearenses criaram a Padaria Espiritual, evento que certamente não chamaria a atenção, se não fossem eles uns pândegos e “inimigos dos padres”.

Ah, esses moços! Criativos, e irreverentes, lançaram-se a uma empreitada cultural em Fortaleza, na década de 1890. Queriam agitar a cidade, e conseguiram. Eram muitos, cerca de trinta, para uma cidade ainda pequena e provinciana, e fizeram muito barulho com essa Padaria Espiritual, agremiação literária que, funcionando regularmente com reuniões e manifestos, tornou-se o acontecimento da cidade. E utilizaram o campo de “padaria” em toda a sua extensão: as sessões eram “fornadas”, os membros participantes eram “padeiros”, a publicação era “o pão”, e ça va... A graça maior desses pândegos geniais estava nas atas das reuniões, o que dá um caráter cômico ao adjetivo “espiritual”. O relator anotava tudo, ou nada, dependendo da sua vontade. Em algumas, diz: “E basta por hoje.” (Pág. 29); “Se houver escapado alguma coisa, reclamem. Eu, Frivolino Catavento, a fiz e subscrevo.” (Pág.58); “E antes que me chamem cacete vou pingar o ponto final.” (Pág.70) E usavam nomes de guerra. Alguns divertidos, e todos obrigatórios como parte do estatuto. Alguns padeiros se destacaram na literatura nacional, como o grande Adolfo Caminha, de *A normalista* e *Bom-crioulo*, este aclamado pela crítica como um marco do Naturalismo brasileiro.

Esses padeiros do espírito se reuniram de 1892 a 1898, sob a direção de Antônio Sales, o Padeiro-Mor, e deixaram as marcas de seu trabalho nas atas que redigiram, como já dissemos, mas que estavam

5 Escritora residente em Brasília - DF.

desaparecidas. Segundo o maior interessado nessas atas, o acadêmico Sânzio, todos os esforços de procura foram feitos. E nada. Até que um dia, a funcionária da Coordenação Administrativa, Marinês Alves, no Instituto do Ceará - muito atenta, achou algo que lhe chamou a atenção. Bingo! Lá estavam as atas perdidas que tanto interessavam aos estudiosos e admiradores daqueles jovens irreverentes. Eram as atas perdidas, agora reencontradas para deleite dos amantes da história e da cultura, confirmando que esses moços anteciparam os modernistas Mário e Oswald de Andrade (e por que não Tristan Tzara?) em pelo menos trinta anos, no desejo de *épater le bourgeois*. O que não é pouco, diga-se de passagem.

E as atas tornaram-se livro, *Atas da Padaria Espiritual* (Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015), que agora nos chega às mãos em primorosa edição, graças ao empreendimento de José Augusto Bezerra - bibliófilo, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, em cuja gestão se deu a descoberta das atas, e atual presidente da Academia Cearense de Letras - e Sânzio de Azevedo, que nela muito trabalhou e presenteia os leitores, não só do Ceará, mas de todo o país. Decifrar os "hieróglifos" dos padeiros foi a parte mais dura do trabalho, para o qual Sânzio contou com a especial colaboração da professora Regina Pamplona Fiúza. Mas valeu a pena. E como! Com linda capa amarelo-sépia, com foto de treze membros da Padaria, com ar sério, o livro convida o leitor a voltar ao passado. E a divertir-se, acrescentamos.